

## A PROJEÇÃO DE HERZER

MARIA EMÍLIA LUENEBERG\*

O texto que ora se apresenta faz parte de um trabalho mais extenso, em que se formula uma proposta de investigação do discurso de Herzer no livro "Queda para o Alto", em seus dois momentos: o da prosa, constituído de uma espécie de diário-memória, e o poético, que forma a segunda parte do livro.

Quanto ao primeiro momento, efetuou-se, com apoio em Foucault, Freud e Lacan, uma leitura de ordem política, social e psicanalítica, buscando identificar, no citado discurso, as estruturas sociais deformantes e aniquiladoras do individual.

No segundo, pretende-se, com base também em conceitos da Psicanálise, ler o discurso poético de Herzer, como expressão do sentimento existencial de busca de uma identidade que só se legitima pelo amor. Este, concebido, naquele discurso, como força telúrica, revela-se o grande ausente das estruturas sociais e do espaço individual, manifestando-se pelo "vazio", que permite ao "poder" instalar seu império alienante de deformação e de aniquilamento.

1) O texto poético de Herzer faz emergir o drama pessoal como conflito inerente ao plano individual - desejo insatisfeito, e à falta do amor maior, o universal. Tais problemas e necessidades fundamentais do indivíduo e da sociedade impregnam

---

\* Professora de Literatura Portuguesa na UFSC.

o texto citado e o conduzem a um estágio de densidade poética que o estrutura em instante maior, quando o confessional se transforma em indagação existencial e a voz de Herzer se institui em clamor humano, ou seja, universal.

Na dedicatória que introduz "Poemas" (parte II do livro, "A Queda para o Alto"<sup>1</sup>) Herzer esclarece serem seus poemas a expressão de seu mundo confuso, de sua verdade e seus sonhos.

Trata-se de quarenta e seis poemas, dos quais, a maioria expressa o sentimento amoroso.

O texto será lido sob os conceitos freudianos de Eros e Thanatos.

As pulsões de vida e morte, como as vê Freud, sob os significantes Eros e Thanatos, presidem a construção dos poemas, de uma forma quase transparente, alternando-se entre os códigos do amor e da dor. No código do amor, Eros transparece liberto, denotativo. No código da dor, Thanatos abrange uma série de significantes esquivos, como "grito", "perdido", "escuro", "rouco", "amordaçado", "negro", "cego", "ressecado", "pranto", "mar", "sangue", "solitário", "sozinho", "dor", "empoeirado", ou seja, conotativo.

O amor se afirma como a atualização da continuidade do desejo, força viva a buscar espaço e integração no objeto, possibilidade de completude. O amor é necessidade:

mas ninguém sabia que você mulher  
era humana e também precisava amar.  
(H., p.174)

E necessidade cósmica, arrebatadora, indispensável, essência da vida, energia existencial, distribuída pelas forças telúricas:

E sonho, em outra noite, ter a canção do mar  
na areia o teu nome e nas ondas o teu olhar.  
E neste mar me afundo, sem tentar me socorrer  
as ondas já me enlaçam e,  
... só assim pude viver.  
Morto para jamais lembrar de te esquecer (H., p.171)

O amor atravessa as fronteiras, mesmo a da morte. Seu corpo

é o espaço de todas as coisas, daí poder permanecer como es-  
sência de vida:

Amo-te no silêncio perdido da canção fúnebre  
Amo-te no escuro que torna cega a luz do sol  
Amo-te no sangue do último poema assassinado  
Amo-te no pranto, no grito rouco, amordaçado  
Amo-te para sempre. (H., p.157)

O código do amor inscreve a vida e a morte, numa unidade  
física e transcendente, que busca anular o espaço e o tempo, nu-  
na fusão ideal.

Tua voz ecoa num canto perdido  
tua face chora a volta sem saída  
tua mão acena ainda em despedida  
teus passos buscam a volta sem a ida. (Idem)

O amor torna-se no corpo do amante, parte de seu psiquismo,  
presença da ausência, buscando eternizar-se na imagem do outro  
que o completa:

Fui para longe, distante de ti  
e hoje vi que jamais saí daqui  
pois para mim não existe querer  
nem estradas que me façam obter  
um lugar para tentar-te esquecer. (H., p.197)

O amor se funde com a vida:

Você.....  
é o meu grito momentâneo  
revelando que o amor ainda existe. (H., p.196)

O amor é vital como o sangue e como ele, escorre, resseca,  
ou seja, integra-se no jogo de vida e morte:

e o amor que escorre perdido  
Como fazer para esquecê-lo  
somente me tornando rude e frio,  
.....  
somente amordaçando os lábios que te desejam,  
algemando mãos que te suplicam amor,  
acorrentando passos que te perseguem no riso ou na dor.  
(H., p.195)

O amor é a essência da poesia, e esta, algo estranho, se não for dele a expressão:

Minha poesia é perigoso contrabando  
porque o amor não se pode mais levar. (H.,p.198)

Nos teus cabelos sinto a noite já esquecida,  
sem teu calor já sou poeta em despedida,  
não tenho paz, sou infinito amor sem fim. (H.,p.151)

O amor se imprime como necessidade vital, cuja existência assume o espaço corporal, transformando-o na consciência psíquica:

nos olhos cicatriz de amor, sempre constante.  
Cicatriz visível e pura  
que se infiltrou com candura  
cicatriz que não sangra, doendo  
cicatriz como eu... lhe querendo (H.,p.162)

A transformação do amante na coisa amada, como a viu o eterno Camões (ou o eterno amor?) atravessa o tecido vivo. Cicatriz é a metáfora que reúne o amor e a vida, no espaço erótico/sufridor do corpo, permitindo-se ser vida, enquanto cicatriz, não marca, mas ferimento:

Senhor!  
Umedeça a minha testa com água benta  
adormeça esta dor que sangra da cicatriz  
puxe lentamente o punhal cravado em meu peito. (H.,p.199)

E na incerteza vou esmagando esta tristeza,  
que faz de mim, inerte corpo sobre a mesa. (H.Idem)

No espaço físico, o amor é libertação, torna-se o campo do psíquico, da sua expressão liberta na capacidade de constituir-se no tempo e além dele:

e logo eram quatro, entrelaçados, se amando no chão.  
E quatro braços, abraçados puramente  
unindo dois corpos em um só amor, simplesmente  
unindo desejos até então interrompidos  
unindo e libertando carinhos indefinidos.  
.....  
e conosco sorrindo, nosso amor se levantou  
e o momento tão sozinho, deitado no chão ficou.  
(H.,p.150)

deixar você se perder em mim, me apertar, me reconstruir.  
E se na noite você estiver nas minhas mãos,  
quero deixar que a vida aconteça, que a noite amanheça.  
(H., p.191)

O amor é a possibilidade de regresso à infância, a volta ao  
"seio bom", desejo deslizando sob a sucessão de objetos:

Fugi da vida para os teus braços  
que ardentes me afaçam sem cessar

e no amor as luzes se adormecem  
criança sou de novo a delirar. (H., p.160)

Fingindo ser criança, sou seu homem  
e no teu seio perco a minha idade  
deitando em nossa cama sou selvagem  
menino delirando de saudade. (Idem)

Este amor é dourado segredo  
que desejo tal qual o brinquedo  
que na infância jamais possuí  
é um abismo belo e transparente. (H., p.197)

Sonhos inertes estão agora a soluçar  
porque cresci e não tenho a quem sonhei amar. (H., p.198)

Na fusão do "ser amante com a coisa amada", o amor é a plenitude do tempo, a possibilidade do êxtase de uma continuidade que as imagens líquidas metaforizam:

E se chover no resto dos meus dias,  
vou deixar molhar, deixar falar, deixar viver,  
e no final de tudo: em você  
... vou me deixar morrer. (H., p.191)

Se eu pudesse tocar seu rosto em meio à chuva  
e lentamente tocar seus lábios doces e quentes.  
(H., p.180)

A chuva metaforiza o sangue, a vida, o tempo, o amor.

À liquidez do corpo e do amor, corresponde a do tempo:

Você é a ferida que dói e que não sinto no transcor-  
[rer do dia  
e com certeza a razão de minhas ardentes e pacíficas  
[poesias,  
Permita que o seu amor transborde junto a mim por  
(todo o tempo. (H., p.195)

No arquétipo da água, a imagem do mar é generosa possibilidade de restauração, comunhão, como se o tempo se fizesse líquido nas ondas que cantam:

Meus olhos cantam uma canção de amor por ti  
canção tão pura que nem no mar jamais ouvi. (H.,p.180)

Um mar eufórico jorrou de repente  
e transbordou sobre meu peito solitário  
fez do meu leito um lago dormente  
de meus pensamentos, sua doce voz ardente.

E cachoeiras rolavam em outrora  
cachoeiras de paixão, promessas e saudades  
o lago secou não há mais cachoeiras agora  
somente seu nome, na presente realidade  
somente felicidade sobre o peito que não mais chora.  
(H.,p.160)

As imagens líquidas "jorrou", "mar", "transbordou", "leito", "lago", "cachoeiras" compõem a estrutura viva do sentimento amoroso e inscrevem com sua ausência, uma aridez de morte, onde se agasalham as imagens, "secou", "ressecado", "empoeirado", "negro", "poeira", "escuro", "perdido", "rouco", "amordaçado", "solitário", "sozinho", "vento", e outros, relativos à "morte".

Mesmo os poemas, carne do amor, são líquidos, "prantos".

Todos vão esquecer que um dia eu existi  
nem meus vastos prantos vão sobreviver,  
versos com poeira de minha razão  
são lembranças de um poeta solidão  
E meu nome negro será terra ressecada  
Como a colheita que morreu sem dar o fruto  
e na distância do azul vou ser imagem  
e embaçado pelas nuvens serei um luto. (H.,p.161)

"Seco" é imagem específica para a ausência do amor, espaço da morte:

Por caminhos perdidos já passei  
em estradas escuras eu pisei  
e abraçado, ao vento humilde eu voei  
e a pousar no solo seco, te encontrei. (H.,p.181)

No elemento líquido, condição de vida e do amor, pode o ser, além da morte, engendrar a vida, e recriar o mundo, capacidade

demitúrgica do poeta:

Quando na chuva puder vir a flor brotar  
saiba que nela estarei a navegar  
lavando a terra, desfazendo a crosta antiga  
dando outra chance ao ser humano em terra lisa.

(H., p.161)

E se no céu vir nuvens negras durante o dia  
é que de tanto não ser ouvido, adormeci. (Idem)

O jogo de imagens distribuídas na oposição vida x morte, claro x escuro, noite x dia, líquido x seco, compõe a essência errante do amor, seu caráter deslizando que ("escorre") acaba por recolher-se à solidão, à morte e à transformação em luz.

Mas qualquer dia, também sozinho a mim virá  
um homem cego procurando um ninho eterno  
e encontrará seu leito pronto em nuvem negra  
verá que a morte é o sono lento após o inferno.  
E de meus poemas empoeirados, será luz  
a todo homem que esqueceu de me lembrar,  
serei figura, imagem oculta, já a reinar  
nos céus sozinho, depois de tanto aqui chorar.

(H., p.161)

Obs.: note-se que a substituição da última palavra por "amar" não alteraria o sentido dos versos. (H., p.161)

A morte, negação do amor, tem um espaço equivalente ao do amor, nos poemas de Herzer, embora disfarçada sob os significantes já apontados. O significante **mar** abriga imagens ligadas à vida e à morte. O caráter imprevisível, deslizando, e, aparentemente inocente, uma espécie de amor maior, faz do mar, o ser inocente, cego, surdo, impiedoso, amante e voraz, como a morte. No "mar", a fome de amor e do amor e a fome da morte se nivelam. No mar cumpre-se o ritual do sangue:

Mar do futuro, mar jamais sonhado  
mar do infinito, mar amaldiçoado  
Tantas promessas de amor você já ouviu  
de tantos laços você foi testemunha,  
.....  
Tantos gritos você fingiu não ouvir  
deixou suas ondas várias vidas cobrir  
por inocência, quer alguém para si mesmo  
.....

Nas suas águas, já gritou a dor ensangüentada  
e o eco do grito, com sangue pingou na areia  
e ao se tornar dono da alma da sua amada  
Você a sufocou, você a amou.

Você a prendeu, a amordaçou.  
Mas você a amou tanto que...  
- Mar, você a levou,  
pra sempre... (H.,p.172)

O "sangue" é a imagem ritual. Presente no dia, na noite, no mar e no corpo, é a força que comunga e vincula espaço, tempo e ser:

Na flor das noites de sangue  
eu parto sem chorar dor,  
eu parto mas deixo contigo  
o que fui aqui,  
... deixo amor (H.,p.159)

"Ir", "partir", "chegar", condições de procura e causas da perda do amor, e a imagem "vagar", forma da procura, constituem a estrutura da movimentação do amor, sua inquietante condição móvel, fluida, líquida, vital, em oposição às imagens "seco", "ressecado", "coagulado", seu corpo.

e é ainda naquela tua partida que estou indo por atalhos à tua chegada. (H.,p.141)

Suma, vague  
morra de sede, chore sangue coalhado.  
se você morresse só, sem dó  
eu jamais teria duvidado e me matado.  
Me matei num sonho rouco  
num amor derrotado, vagando. (H.,p.145)

Sumindo, vagando, e o verde desbotando  
e a terra ressecando  
o sol já não mais brilha,  
está tudo escurecendo, está tudo sumindo, tudo vagando  
e eu te perdendo e eu te procurando. (Idem)

Só a poesia explica a vida e a reconstitui em significados. A morte do poeta e, com ele, da poesia, é o aniquilamento, onde os gestos e os gritos se anulam:

Agora que eu sinto que todos morreram,  
porque quem nos falava de amor está partindo

Nenhuma lágrima, nenhum gesto, nenhum pedido...  
(H.,p.156)

O corpo, espaço percorrido pela vida e pela morte, comunica ao amor sua natureza dúbida, o que faz do amor, dor, algo que escorre, sangue que cristaliza na morte:

Deitar-lhe no solo frio, e deixar que o seu corpo todo  
toque nas regiões sombrias,  
com gosto de vida e morte de fogo. (H.,p.175)

O amor é úmido, como o sangue, o pranto, a água e o mar, a vida e a morte. E, como a chuva, embebe. dilui:

Na noite, a chuva toca a terra em silêncio  
toca a flor que estremece ao relevo  
é da rua tira o pó, o sangue derramado, enfim  
mas só não tira você do meu pensamento.  
Pois você é como a chuva noturna,  
que toca de leve, mas me faz sentir-te o bastante,  
e umedece as áreas do meu corpo coberto. (H.,p.196)

O corpo do amor é o espaço do desejo ou seja, da vida, Eros. Sob a forma de "querer", o desejo se intensifica na necessidade de incorporação do ato antropofágico.

E tanto mais que ontem te devoro  
por te querer sem mais poder voltar  
não posso mais voltar à fase antiga  
pois este coração quer mais te amar. (H.,p.177)

Na minha mente girava teu nome  
e de você eu senti fome,  
Você é o motivo para a fome do amor. (H.,p.181)

Você é miragem para minha fome proibida. (H.,p.182)

O caráter antropofágico do amor, como necessidade de aproximação, incorporação, desloca-se para a imagem maior do amor, a do mar, no poema "Mar do amor eterno". "Mar" é a imagem plural, que abrange o amor, a vida e a morte.

Mas você amou tanto que...  
- Mar, você a levou,  
para sempre... (H.,p.172)

Assim como a dor se faz pranto, o desejo, voz do amor, é a matriz da canção, sua carne, seu fazer-se,

No anoitecer a dor se faz presente  
O pranto chora o ontem que restou, (H.,p.171)

E nesta febre arde meu desejo  
as mãos tremem ardentes por querer  
o peito canta alto a agonia  
é mais uma canção do meu sofrer. (Idem)

A "noite", espaço do sonho, do desejo, do amor, é a imagem do lado sombrio da dor e do canto da saudade; terreno do amor, ou seja, do "vazio".

E se alguém me perguntar porque canto na noite  
direi apenas que canto a alguém que não verei jamais.  
(H.,p.149)

e sei que toda noite no escuro  
eu vou sentir saudade de te amar. (H.,p.177)

pois meus olhos embora, tristes, te adoram  
irão segui-la na noite escura, noite sem fim. (H.,p.181)

Se a noite comporta o sonho e a dor, o dia e a madrugada comportam a mesma natureza de perda, dor, solidão, envolvimento e esperança:

Madrugada, você transmite a dor do mendigo quando fria  
Você transmite a paz que irradia a poesia. (H.,p.185)

Madrugada, para mim és a cor do próximo sorriso  
Você, sorriso, que dorme abraçado comigo.  
Você é a ferida que dói e que não sinto no transcorrer  
do dia. (Idem)

Lhe perdi e a dor dói solta  
e a saudade jé é uma louca  
que aperta, destrói e afoga  
e na manhã ela dói, calada. (H.,p.192)

a dor que dorme no meu leito  
e só acorda para te querer. (H.,p.179)

Na ausência do objeto amado, o amor se faz presente na saudade, sentimento angustiante, que faz desejar a morte. O desejo da morte ultrapassa a do simples aniquilamento, objetivando uma

transformação do mundo, dentro de uma abrangência que permitisse a todos serem irmãos:

Eu queria que o fogo me cremasse  
para ser as cinzas de quem hoje nasce.  
Eu queria que os belos poemas fossem de Deus  
para neles encontrar as virtudes dos irmãos meus.  
.....  
Eu queria morrer nesse instante sozinho  
para novamente ser embrião e nascer  
eu só queria nascer de novo, para me ensinar a viver.  
(H.,p.167)

queria muito unir mãos de preto e branco,  
não queria ser gente, apenas de todos, um momento.  
Um manto que envolvesse sentimentos bons e ruins  
Pessoas de toda cor, raça ou poder. (H.,p.194)

No sentimento de fraternidade, na identificação dos seres, o amor se faz universal, faz-se voz do oprimido, que é sobretudo o ser que o amor não alcançou o amor maior. "Mataram João Ninguém" é o poema onde Herzer torna-se quase épico, poeta social:

Na televisão o aguardo da cotação  
um instante ocupado, para dizer morto João Ninguém  
mas a aflição ataca, a cotação subiu ou caiu?  
e João morreu... ninguém ouviu.  
Eu vou distribuir panfletos,  
dizendo que João morreu  
talvez alguém se recorde  
do João que falo eu.  
Falo daquele mendigo que somos  
pelo menos em matéria de amor,  
daquele amor que esquecemos de cultivar. (H., p.154)

O drama pessoal, o conflito do desejo insatisfeito, e o amor maior, universal, emergem, numa postura existencial:

Por que amor, por que nascer, por que viver, por  
[que morrer  
senão para dar continuidade à vida humana? (H.,p.176)

Os códigos do amor e da dor, abrangem a vida e a morte, inseridos no contexto das pulsões de Eros e Thanatos, como viu Freud. Para Freud<sup>2</sup> Eros representa o desejo em busca da união, ou seja, de incorporação, o estado ser-um-com-o mundo, que

se funde a partir da primeira infância, na relação da criança com o peito materno. Apesar da repressão, a precoce experiência do amor fica guardada no ser humano como **"imortal sonho de amor, como indestrutível exigência da natureza humana, como fonte de nosso inquieto descontentamento, diz-nos Norman Brown<sup>3</sup>. A sexualidade genital normal do adulto revela que o instinto sexual busca, além do prazer corporal, uma forma adequada de união com objetos no mundo."**<sup>4</sup> Profundamente narcísica, a libido humana busca um mundo para amar assim como a si mesma. O ego humano empreende a busca de um mundo para amar. Se, no narcisismo primitivo, o eu é uno com o mundo de amor e prazer, o ego humano vai ter por objeto restabelecer o que Freud chama de narcisismo ilimitado, sustenta Norman Brown<sup>5</sup>. Para Freud, a criança no seio da mãe, passa pela condição primeira, daí por diante sempre idealizada, na qual a libido objetual e a libido do ego não mais se separarão. A relação da criança com o seio materno permanece nosso ideal, mesmo porque representa a fusão de instintos antagônicos, o de auto-conservação, ou instinto do ego (fome) e o seu oposto, instinto agressivo (morte). Para Norman Brown, este estado de fusão de instintos permanece nosso ideal inconsciente<sup>6</sup>. Para Freud, a atividade artística é essencialmente lúcida, porque um retorno ao princípio do prazer e da infância.

Os poemas de Herzer revelam o conflito antagônico de Eros e Thanatos e a transposição deste conflito para os poemas, já revela uma criação. A qualidade artística dos poemas não se objetiva aqui discutir, embora se possa observar serem alguns bem constituídos e haver alguns versos menos poéticos. A característica poética se faz presente através da metaforização e de comunicação, interna das vertentes temáticas. A conotação amorosa da maioria dos poemas encontra correspondência na visão psicanalítica de Freud e na interpretação de Norman Brown. A sensibilidade de Herzer encontra no tecido significativo com que constrói seus poemas, a simbologia que lhe revela a verdade e os sonhos:

Eu sou mais um pedaço, entre a dor e o amor  
sou mais um que ficou marcado, pelo mundo sofredor.  
(H., p.164)

Segundo Lacan, a significação poética é manifestado sobre os elementos significantes relacionados<sup>7</sup>. Pela elisão permitida pelo deslocamento, o significante instala a falta do ser na relação com o objeto<sup>8</sup>. O desejo é o correlato do objeto procurado, e ambos deslizam através de uma constatação significativa e que se metonimiza através dessa cadeia. "A ordem do significado instala a carência do ser do objeto faltante ou perdido numa relação de objeto"<sup>9</sup>. A relação do objeto está estruturada sobre a base de uma rede de significantes<sup>10</sup>. Américo Vallejo questiona-se se conseguirá o autor, a partir da aventura do significante a produção do significado poético<sup>11</sup>. Acreditamos que Herzer o conseguiu. É surpreendente ainda constatar que na composição confessional, lírica, de Herzer, já se encontram os signos de um amadurecimento que o levaria, sem dúvida a uma poesia de caráter social, epicizante.

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup>HERZER. **Queda para o alto**. Editora Vozes Ltda., Rio de Janeiro, 1982.

<sup>2</sup>FREUD, Sigmund. In BROWN, Norman. **Vida contra a morte**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1974. 2.ed. p.63.

<sup>3</sup>BROWN, Norman. **Vida contra a morte**. op.cit., p.58.

<sup>4</sup>Idem, p.59-60.

<sup>5</sup>Idem, p.65.

<sup>6</sup>Idem, p.72.

<sup>7</sup>LACAN, Jacques. "Écrits". In VALLEJO, Américo. **LACAN: Operadores de leitura**. Editora Perspectiva, Rio de Janeiro, 1979. p.87.

<sup>8</sup>Idem, p.25.

<sup>9</sup>Idem, p.26.

<sup>10</sup>Idem, p.30.

<sup>11</sup>Idem, p.87.

